

18 DE MAIO: DIA DE REFLEXÃO E DE AÇÃO

Viviane Amaral dos Santos

*Assessora substituta da Assessoria Técnica da Vara da Infância e da Juventude do DF,
Psicóloga, PhD em Psicologia Clínica e Cultura/UnB*

A data de 18 de maio é marcada pela luta contra a violência e a exploração sexual de crianças e adolescentes. É possível que, em função de tudo o que está ocorrendo no cenário da política brasileira, nossa atenção se desvie um pouco dessa iniciativa tão importante. Poderíamos discutir os vários pontos a serem celebrados, como, por exemplo, mecanismos mais difundidos de notificação e denúncias de violência sexual, programas governamentais de atendimento e cuidado às vítimas, alterações da legislação que visam contribuir com a efetiva responsabilização de autores de violência sexual. No entanto, muito ainda há que se considerar nesse campo que tem duas faces. A primeira é a do fato em si, objetivo, concreto e que, uma vez constatado, é inegável. A segunda refere-se aos elementos subjetivos e culturais que, como todo fenômeno humano, o torna ainda mais complexo e de difícil trato.

Quanto à primeira face, temos a enfrentar a ausência tão comum de vestígios e testemunhas nas cenas que ocorrem diariamente nos lares, nas escolas, nas ruas e nas comunidades. Crianças e adolescentes vitimizados no silêncio e na intimidade necessitam lidar com o fato ocorrido como se ele não fosse real, como um pesadelo do qual não se pode acordar. A memória das cenas ocorridas se torna sua doença, sua “neurose,” sua loucura. Os sintomas do fato vivenciado em segredo e escondido se manifestam no corpo, nas sensações físicas e nos comportamentos, e estes não são adequados às normas sociais. Traduzem-se em doenças, dificuldades no trato social e comportamentos classificados como transtorno de conduta, psicopatia, etc, além do isolamento ou agressividade, introversão ao ponto do desespero, da depressão ou da ideação suicida. O grito de socorro vem em várias formas, mas também não tão explícitas como a violência sofrida. Vem abafado, pois é marcado pelo medo, pela vergonha e pela culpa, pois em nossa crença comum a vítima “fez por onde,” “já não era virgem,” “não gritou,” “não pediu socorro,” “deixou para contar só agora, depois de anos.”

E é aí que surge a outra face de um crime que também é subjetivo, pois que marcado por crenças, senso comum e aquelas verdades que vamos construindo a partir de uma experiência pessoal de quem nunca viajou por aquela estrada, mas teima em apontar o caminho certo e o jeito correto de agir. É nesse caminho que se constroem significados para o comportamento da vítima, das mães e dos próprios autores. A cultura da prevalência do homem sobre a mulher o desculpa de seus instintos sexuais, como se sobre eles não houvesse controle. A crença da criança que nada entende ou que não se lembrará incentiva autores a desconsiderar a subjetividade e as necessidades da criança e a violar não apenas seu corpo, mas seu aparelho psíquico ainda em formação. A ideia generalizada do corpo da mulher como objeto de desejo a ser possuído ao ponto de ser “comido” transforma a criança ou adolescente em um brinquedinho de satisfação temporária. A idealização da mulher como mãe e do amor materno como instinto natural e dado a transformam no ser anômalo que não sente e que tudo deveria ver e saber a respeito de suas crias. O seu julgamento e condenação se dá com base na

responsabilidade unilateral de que o crime poderia e deveria ser evitado por ela – supermulher.

Talvez por isso a violência sexual ainda seja um tabu a ser ampla, profunda e repetidamente discutido, investigado e exposto. Esse “monstro de duas cabeças” que nos assusta está em nossos lares, vem sendo cometido por aqueles que amamos e em quem confiamos. Investigando mais a fundo, é possível que saibamos que quase todas as famílias têm em sua história passada, presente, perto ou distante uma história real de violência sexual. E é bem provável que na maioria delas a violência permaneceu como um pesadelo ou um não dito.

O Dia Nacional de Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes aponta para as conquistas e cobra as iniciativas que ainda faltam, todas no âmbito objetivo e pragmático. Isso é bom, mas ainda não é o bastante. Quem sabe, para além das ações que remedeiam o fato já ocorrido, possamos construir um dia de prevenção e de correção de nossas crenças distorcidas e superficiais sobre a violência sexual. Que o dia 18 de maio seja também aquele dia em que enfrentamos o “monstro”. No qual todos os que já vivenciaram ou conhecem uma história de violência sexual possam trazê-la para a superfície e conferir a ela o dado de realidade que lhe falta, expondo suas cores, sons e cheiros, e cobrando respeito daqueles que, sem compreender, estão prontos para emitir uma opinião moral. Como diz Manoel de Barros: *repetir, repetir, até ficar diferente!*